

ME AJUDA A FAZER EU: FABULANDO EM TORNO DE CINCO MULHERES¹

Mariana Vianna Kuntz Fonseca²

RESUMO | ABSTRACT

Neste trabalho, pretendo explorar as múltiplas dramaturgias a partir de corpos singulares de cinco mulheres artistas/intérpretes e uma diretora, uma vez que observando as problemáticas de cada participante na composição de um coletivo, sentimos a urgência de falar sobre mulheres. Minha reflexão teve como embasamento teórico as obras de Hélène Cixous (2022), Christine Greiner (2023) e Helena Katz (2021), tendo em vista que essas pensadoras apresentam estudos centrados na questão da importância de obtermos mais vozes femininas nas artes, bem como a necessidade de reconhecer e afirmar as singularidades dos corpos.

Palavras-chave: Corpo, singularidades, dramaturgia, mulher, presença.

In this work, I intend to explore multiple dramaturgies through the unique bodies of five women artists/performers and a director. By examining the challenges faced by each participant in the formation of a collective show, we feel the urgency to address women's issues. My reflection is grounded in the theoretical works of Hélène Cixous (2022), Christine Greiner (2023), and Helena Katz (2021). These experts focus on the importance of obtaining more female voices in the arts, emphasizing the need to recognize and affirm the singularities of bodies.

Keywords: Body, singularities, dramaturgy, woman, presence.

Neste ensaio, procuro trazer à tona a urgência de corpos de mulheres fazerem arte e se fazerem através da arte. Através de múltiplas dramaturgias a partir de corpos singulares de cinco mulheres artistas/intérpretes e uma diretora, apareceram questões importantes de cada participante na composição de um coletivo.

¹ O título do espetáculo “Me ajuda a fazer eu” surgiu de uma frase de uma criança de 3 anos de idade citada no livro “Casa Redonda, uma referência em educação” de Maria Amélia Pinho Pereira (São Paulo: Ed. Livre, 2013).

² Graduada em Direito pela UNIP – SP; especialista em Técnica Klauss Vianna pela PUC – SP, pós-graduada em Psicopedagogia FMU/SP; formada em Reeducação do Movimento/Ivaldo Bertazzo; Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. É artista e educadora somática; tem formação de professores/RAD register Teacher, com o Certificate in Ballet Teaching Studies/Londres. Idealizou o Método “Histórias Dançadas” e a Oficina “Incorporar”. Desde 2017, atua como bailarina-intérprete no Grupo Andanças, dirigido por Luciana Romani em Cotia, São Paulo.

Coxia

Em 2017, no bairro da Granja Vianna, em Cotia, no interior de São Paulo, nasceu o Grupo Andanças. Um Grupo de pesquisa e criação em Dança Contemporânea que, na época, era composto por oito bailarinos/intérpretes guiados pela diretora artística, Luciana Romani. O grupo sempre teve como interesse trabalhar a diversidade e singularidade de cada integrante, valorizando os caminhos de cada um e a potencialidade do cruzamento dessas vivências. O grupo é composto por corpos plurais e a Técnica Klauss Vianna é inserida na nossa linha de pesquisa em todos os encontros. O primeiro espetáculo do grupo andanças, "Talvez seja isso", teve estreia em junho de 2019, no Café Teatro-Fábrica, em Cotia. O mesmo espetáculo foi igualmente apresentado na Semana das Artes do Corpo, no Tucarena, Puc/SP, em outubro de 2019. Durante o período de isolamento, por causa da pandemia (de início de 2020 a meados de 2021), o grupo permaneceu em plena atividade e pesquisa, com encontros semanais em plataformas online. Em maio de 2020, produzimos um trabalho de vídeo dança a que demos o título de "Desembocar".

"Desembocar" é um registro artístico-investigativo de três fases do processo criativo do grupo: recortes da intimidade, criação de partitura corporal na ação cotidiana e a exploração de temas corporais em cima da partitura. A partir de movimentos cotidianos no banho, pesquisamos questionamentos e inquietações, protocolos escritos e um diálogo sobre estar no palco/estar em cena, provocado pelo texto de Eleonora Fabião:

Para ativar circuitos relacionais, o ator deve trabalhar tanto no sentido de aguçar sua criatividade como sua receptividade. Geralmente a criatividade é privilegiada em detrimento da receptividade, a força criativa em detrimento do poder receptivo. (FABIÃO, 2010, p. 323)

A manutenção do contato e encontros virtuais do Grupo Andanças, conduzido pela diretora artística Luciana Romani, levaram todos os integrantes do grupo a pesquisarem, em seus espaços pandêmicos, o conhecimento do *corpo só*, em relação a si, ao espaço onde cada um estava, à tela e às novas relações possíveis diante dessa situação inusitada. Dessa forma, aumentando a expansão de nossa consciência. Percebemos que, na relação com a tela, havia corpo, e, através dessas novas sensações, nasceu um novo conhecimento corporal.

Mais adiante, o grupo foi contemplado pelo Edital chamado "Benedito Pereira de Castro ('Seu' Dito da Congada)" nº 1/2020 pela Secretaria de Esportes, Cultura e Lazer de Cotia, que distribuiu recursos oriundos da Lei Federal 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc) para auxílio emergencial a artistas, grupos, coletivos

e espaços culturais do município, de forma a garantir ampla e democrática participação cultural comprovada no município. A partir disso, com a reunião de nossos projetos, produzimos o espetáculo “Transpassar”, fruto da pesquisa iniciada em 2020, que teve estreia dia 31 de outubro de 2021, presencialmente, às 19h00, de forma exclusiva para um público convidado, restrito, devido aos protocolos de segurança da Covid-19. O espetáculo foi transmitido também online pelo Youtube do grupo Andanças dos dias 12 a 21 de novembro de 2021.

Em 2022, mantivemos nossos encontros para pesquisa e criação, mas agora éramos apenas seis artistas/intérpretes mulheres e a questão do feminino e suas agruras se fez urgente. Afinal, o que é ser mulher?

No ano de 2023, fomos contemplados pelo chamamento público POIESIS n.01/2023 e recebemos Orientação Artística do Programa de Qualificação em Artes – Dança. Quando recebemos a notícia, estávamos dando seguimento a recriação da obra “Transpassar”. Assim, ao longo do ano de 2023, abrimos o instigador processo de criação com a intervenção e orientação do artista da dança Rafael Carion, intérprete/assistente da @ciacarneagonizante e os artistas/coreógrafos/provocadores: Eduardo Fukushima, Edvan Monteiro, Evandro Hegel, Dirceu de Carvalho, Kelly Chagas e Danilo Nonato.

O orientador Rafael acompanhou-nos durante todo processo, desde abril a novembro de 2023, com encontros quinzenais de 6 horas, aos domingos. A intervenção acontecia com uma conversa no início e final do encontro, além de propostas de atividades corporais individuais e em grupo, costurando os nossos desejos com as sugestões do propositor.

Os outros provocadores citados acima também estiveram conosco, em nossa residência artística, trazendo oficinas criativas que foram integrando e fazendo parte do corpo do nosso espetáculo, com conversas e trabalhos corporais diversos.

O projeto artístico e o processo de orientação que foram desenvolvidos, bem como as estratégias de criação coreográfica, treinamento técnico, formação em dança, temáticas, desenvolvimento dramático foram sempre norteados e permeados pelas questões e reflexões da diretora do grupo e das cinco artistas intérpretes que mantiveram no grupo durante esse percurso: Luciana Romani, Mariana Kuntz, Raffaella Scotti, Esther Rorigues, Juliana Grandizoli e Evelin Gonçalves Miguel. O processo de criação, com aporte na Técnica Klauss Vianna, aconteceu a partir da dramaturgia de cada artista, em seu ensaio/solo.

Em agosto de 2023, aconteceu a Mostra de Processos que resultou em um encontro formativo realizado pelo Programa, com apresentação dos processos de grupos em orientação. Esse encontro teve como foco o público

interno do Programa, a troca entre artistas e o direcionamento para o andamento dos projetos até o final, na Mostra de Dança do Programa de Qualificação em Artes. Esta Mostra de Dança do Programa de Qualificação em Artes aconteceu entre os dias 17 e 20 de novembro de 2023 no Centro Cultural Raul Cortez, na cidade de Mongaguá.³

Nessa cidade de Mongaguá tivemos a devolutiva dos profissionais, críticos e pesquisadores da dança: Cassia Navas (Curadora e Consultora Artística-Pedagógica), Alex Soares (Curador) e Ana Clara Amaral (Técnica Artístico-Pedagógica).

Depois desse primeiro evento, houve mais duas mostras: A Mostra de Compartilhamento Local na EDA, Escola de Desenvolvimento Artístico, residência artística do nosso grupo e a Mostra de Dança do Programa de Qualificação em Artes, evento realizado pelo Programa em Mongaguá, com a programação de trabalhos selecionados pela Equipe Técnica a partir das obras orientadas dos grupos da edição, bem como mesas e debates, tendo como objetivo a partilha da produção artística cênica do interior e litoral paulista e o encontro de todos os participantes. As duas Mostras aconteceram em novembro de 2023.

Palco

Depois da experiência de estar no palco na primeira Mostra de Processos, em Mongaguá e, a partir do diálogo com os críticos Cassia Navas, Alex Soares e Ana Clara Amaral, o grupo entendeu que esse não era um espetáculo para ser encenado no palco, tendo em vista que a dramaturgia de cada artista/intérprete, bem como do grupo, em conjunto, pedia e chamava uma interação, um contato e proximidade com o público. Notamos que o palco, nesse espetáculo, causaria um distanciamento entre artista e público, que não seria interessante.

Dessa forma, a diretora sugeriu que a obra acontecesse de maneira mais experimental, de modo que o público pudesse ter mais proximidade e até uma interação com as artistas/intérpretes. A solução foi fazer um espetáculo-instalação em que, no início o público pudesse transitar por entre a obra, e depois, quando ouvissem um sinal, deveriam sentar-se nas laterais do espaço.

A cena era composta de quatro casulos, pendurados no teto, mais próximo às diagonais do espaço; eram quatro corpos, três visíveis e um vermelho encoberto pelo tecido. A iluminação e a música conduziam a intensidade de movimentação de cada corpo. Dispostos no espaço, o público encontrava os corpos que descrevo da seguinte forma:

³ Fonte: <<https://www.instagram.com/p/Cz-CSQQN06h>>

1 Corpo/vermelho: numa diagonal, uma mulher camuflada envolta em um tecido vermelho. Essa mulher sou eu.

2 Corpo/silenciado: no canto oposto ao corpo/vermelho, uma mulher ensinada a obedecer, que sofre diversos silenciamentos: nas relações, dentro de casa, com parceiros, na escola. Os movimentos refletem a voz da mulher que não é ouvida, um corpo que não é autônomo e não tem visibilidade, na nossa sociedade patriarcal.

3 Corpo/maternidade: na outra diagonal do espaço, uma mulher no puerpério expressava a mistura de sentimentos como; felicidade, exaustão, amor e entrega ao bebê recém-nascido. A vida de um corpo/peito que se resume em acordar, amamentar e dormir.

4 Corpo/relógio: no canto oposto ao canto do corpo/maternidade uma mulher com um relógio no rosto denunciando o tempo, os prazos de validade, a bomba relógio que habita naquela cabeça/relógio/corpo.

Após um momento inicial em que acontecem quatro solos, um quinto corpo adentra no meio da peça, e risca um círculo no centro do espaço cênico:

5 Corpo limitação: uma mulher com um fone de ouvido entra em cena e se coloca no meio dos quatro casulos, se abaixa, desenha um círculo e começa a movimentar-se dentro dele. Esse corpo no espaço, que parecia estar confortável, aos poucos, começa a ficar em um estado de insuportável incômodo, até o momento do passo final.

A obra/instalação trazia, no início da apresentação, um clima de mistério, que aos poucos vai se revelando com a performance de cada artista. No segundo momento acontecem contatos entre artistas em forma de abraços, um *duo* inquieto e perturbador entre duas intérpretes e depois, um trio que não se separa, fazendo um corpo de três cabeças. Todas encontram uma bacia e se pintam de sangue para um encontro coletivo de gestos colhidos nas partituras das cinco participantes formando uma coreografia de singularidades.

Nós não andamos sós!

Ao longo do processo descobrimos que a urgência de uma partícipe era a mesma da outra e que essas vozes femininas não costumavam ser ouvidas, ao contrário, sempre foram silenciadas, colonizadas pelo tempo do capitalismo, encapsuladas, nos tornando exaustas. Nos vimos exauridas, mas no encontro dessas agruras, encontramos o colo de outra mulher, que nos ajudava a nos fazer.

No próximo respiro, ainda com sangue, trago uma escrita mais experimental para que o leitor tenha uma experiência poética de saber como seria estar por

debaixo da veste vermelha.

Experiência

Nesse casulo/experiência que segue abaixo venho convidar o leitor a escutar a descrição da minha experiência, como bailarina/intérprete da obra “Me ajuda a fazer eu”.

Dentro do casulo, meu corpo estava deitado no chão, dentro de uma veste vermelha. A reflexão sobre a experiência de dançar dentro de um tubo feito de um pano vermelho foi o dispositivo que vestiu o meu corpo no espetáculo “Me ajuda a fazer eu”.

O tecido causa estranhamento: afinal, o que essa materialidade têxtil e de cor vermelha comunica? Sangue, vida, morte, útero, touro, chapeuzinho vermelho, batom, ou todas essas imagens? Não sei. O que atravessa o outro, quando em contato com um pano vermelho que se move nos níveis baixo, médio e alto, tem a ver com as imagens que este outro tem acerca do vermelho em si mesmo, já não tenho mais controle sobre essa interferência.

Durante o início da minha experiência, fiquei deitada no chão. Vejo espectadores que caminham por entre nossos corpos e enquanto isso eu vou explorando a relação do meu corpo com o chão, sentindo o abafamento e o quente doce, de ter um ar vermelho entrando no meu nariz. Vi que as pessoas passavam e respondiam ao vermelho que se mexia e talvez se perguntavam: “O que eu tenho em comum com esse pano? Esse ser que se mexe embaixo do pano é um ser humano?”

Essa situação me lembra os corpos *crip* trazido por Christine Greiner:

Minha proposta ao representar essa rede de corpos *crip/creepy* (arrepiaante, assustador, estranho) tem em vista fortalecer a hipótese de que produzir conhecimento (e conhecer) é sempre um movimento que parte de um corpo [...] de modo a instaurar novos modos de existência ou, como preferem os autores, novas formas de vida. (GREINER, 2023, p.11)

A proposta de Greiner é que a “Teoria *crip* é um modo de produzir conhecimento a partir das leituras que o corpo faz de si próprio, dos ambientes e de possíveis compartilhamentos” (GREINER, 2023, p. 24)

Minha pesquisa de interação com o pano vermelho e com o espectador era afetar e ser afetada por esse corpo que estava dentro do casulo e que para o espectador poderia vir a ser um corpo *crip, que pergunta*: Quais são as outras possibilidades de “fazer eu”? Na pandemia, em processo de pesquisa

com o grupo, assisti novamente ao filme *Gritos e Sussurros*, dirigido por Ingmar Bergman, onde as cores saturadas do filme, principalmente o vermelho, gritam e saltam nas veias. Me lembrei que tinha em casa um pano vermelho, muito comprido, feito de um tecido elástico de circo, com que brincava com meus filhos quando eles eram pequenos.

A escolha pelo vermelho foi minha. Mas por que o vermelho? Não, não poderia ser outra cor, nem eu sabia bem por quê. Então fui levada a pensar que muitos vermelhos me atravessaram, desde os meus onze anos e aos poucos, fui me dando conta de que fui me fazendo. E no fazer-me, estava interessada em saber quais seriam as impressões do espectador em ver algo que não está dado, na vulnerabilidade dessa imagem, que se metamorfoseava em bicho sangue. Não seria este um dos caminhos de força da mulher? A escuta de intuição do que deve ser feito?

O corpo vermelho estava no chão, apenas respirando e escutando a dilatação do diafragma, no vai e vem do apoio ativo do corpo com o chão. Aos poucos, com a mudança do meu corpo, do nível baixo para o nível médio e a transferência dos apoios de base, meu estado de consciência foi se alterando, uma vez que toda a perspectiva é reconfigurada nessa movimentação, tanto do apoio quanto do olhar. A intuição me fez ser tomada de poesia, como em um estado de presença, na relação com o espaço e as outras pessoas.

Nessa investigação, meu objetivo era conhecer-me dentro do pano, lembrando com Greiner que, “de acordo, com James, o único modo de conhecer é conhecer corporalmente, pois a mente emerge do corpo e de nenhum outro lugar. São as singularidades corporais que acionam o modo como o conhecimento se organiza” (GREINER, 2023, pag. 21).

Minha partitura foi tecida principalmente na pesquisa dos apoios, que é um dos itens que estudamos no processo lúdico, o módulo introdutório da Técnica Klauss Vianna.

Nessa observação, segui atenta em como desperto as partes do meu corpo que tocam no chão, reconhecendo as qualidades de apoio que acontecem na medida em que vou buscando a minha verticalidade.

Seguindo minha partitura, que se tecia nos meus apoios com o chão e com o tecido, ao ambiente, às luzes e à música, em atenção às outras *corpas*, eu continuava conduzindo o meu ofício, não só dramatúrgico, mas também re-inventor de mim. Diante do meu eterno fazer-me, seguia meu caminho em direção ao nível alto, sentindo resistência, acolhimento, suavidade e o calor do vermelho. Aos poucos, como um véu que se descobre, meus ombros se desnudaram, desvelei meus braços, já não sabia se o corpo revelava ou era

revelado pelo pano, o calor se esvaiu, feito sangue fora do cano, o ambiente muda, o calibre desponta, o vermelho partiu correndo, “tendo a dupla coragem, como só as mulheres têm” (CIXOUS, 2022, p 21), e eu, assim como Cixous, “escrevo sangue” e

sinto mulheres escrevendo em minha escrita, dando luz, dando leite, deitando-se sozinhas e tristes e se levantando felizes, minhas mãos às vezes avançando ao passo do fogo, às vezes como uma loba branca, minhas mãos arranhando as palmas das mãos, derramando lágrimas leitosas. (CIXOUS, 2022, p. 24/25)

e/ou no meu caso, derramando lágrimas de sangue.

Meu corpo aparece e meus olhos encontraram a dureza de desvendar o vermelho, o sentido de estar dentro do pano não é revelado e, assim, faço com que a dramaturgia se intensifique. Me transformo em poesia.

Ouvi o sangue nos meus braços e, então, não deixo o pano se esvaír, seguro o tecido, fazendo-o como arco e flecha, ouvi com o passado, o presente e o futuro, ouvi com ouvido primitivo, das brenhas, e mirei em órbita, dando a volta, perseguindo o final ou o começo da minha história, abrindo espaço para outras histórias.

Era a resignificação da minha vida.

Em contato com as outras mulheres fui sendo tomada por um tremor no corpo, que trazendo um fluxo trêmulo de energia, contaminado pelos outros corpos, produziu outro conhecimento com os abraços das outras mulheres, construindo relações de memória e aprendizagem.

O espetáculo segue com o embate e o quase terror de admirar o encontro de duas mulheres, e, logo após um corpo feito de três corpos em um compasso descompassado, mostrava falhas e fracassos e as singularidades de uma união de três corpos que se acolhem.

O corpo tríade, encontra uma bacia de prata com sangue. O sangue que corria nas veias do pano, se apresentava ali. Nos cuidamos com esse sangue, porque “Uma mulher precisa de mulheres para viver” (CIXOUS, 2022, p. 37).

E diante do banho cuidadoso de sangue, nos unimos no jardim do encontro, em uma fileira de cinco mulheres, pulsando uma a uma os mesmos movimentos, cada uma com a sua singularidade, plantada em cada corpo, feito rosa/flor, tocando o coração vivo das coisas. Esse corpo de cinco mulheres em unísono de movimentos se reuniu em pulso, em um círculo, como um disco e seus raios, sempre lembrando que o mundo dos nossos movimentos está dentro de nós.

Pausa

No movimento do pensamento, aqui, peço pausa. Assim como pausamos na obra, esse ensaio é a pausa para pensar o corpo em movimento em cena e sobre a importância da experiência de voltar para o casulo. E quando peço pausa, o choro sem pausa inunda meu coração, assim como o poema escrito e dançado pela artista/intérprete Giorgia Cirenza, no espetáculo “Transpassar”, que pede pausa do grupo Andanças, desde junho de 2023, na Argentina:

o choro sem pausa inundou o peito
para raios para peitos alagados sem energia elétrica
inundação sem corrimão pra respirar
na ponta dos pés de uma piscina funda chamada coração
eu peço um copo cheio de ar
meio cheio meio vazio que nada
eu quero o copo mais desocupado da cozinha
eu quero uma dispensa desabitada de qualquer utilidade plástica
completamente desnecessária pra uma casa
a mais inútil de todas
eu quero o vazio
cansei do choro, da chuva, da busca por uma bolha de ar que
me faça enxergar o ladrilho do fundo da piscina

eu cansei de estar cansada
cansei de estar debaixo d'água
debaixo d'água cansa muito mais

se um dia pedi chuva
os dias eram outros
chove incessantemente e pelas goteiras não para de escorrer
gente
cada um pra sua casa
cada casa pro seu peito
cada gota d'água pro seu leito de mar

ansiedade,
estou no meio do caminho do rio

Giorgia Cirenza

Cada uma para o seu casulo, cada casulo pro seu peito, cada gota d'água para o seu leito de sangue. A pausa interrompe, por um tempo, o fluxo que encontramos juntas na obra "Me ajuda a fazer eu". Voltamos para o nosso eu, mas agora sabendo que as outras somos nós também, a dor, a vergonha, o medo e a raiva de uma é exatamente a de todas nós. Se não sabemos disso, esses sentimentos ficam maiores dentro de nós. Eles precisam ser compartilhados. São séculos de patriarcado e colonialismo.

Depois de seis meses, escrevo e reflito sobre o conjunto da experiência cênica do casulo, do vermelho e da obra. Acredito que sem o casulo, não poderia existir o sangue, o relógio, o bebê, o fone de ouvido, a risca no chão, a prisioneira de si, nem o pano vermelho. Parece-me que o casulo, trazido intuitivamente pela nossa diretora e pelos colaboradores, tem uma função metonímica e a referência do sangue liga todos os outros elementos.

Retomo aqui a urgência de dizer que os corpos e vozes de mulheres precisam ser/estar presentes na arte. Dizer também que esses corpos podem fazer arte fazendo-se, num processo de re-existência de um devir mulher que se faz necessário aparecer.

Como visto os nossos corpos foram se tecendo em coletivo de mulher, permeando e acolhendo os novos corpos que foram costurando essa obra nesse processo criativo.

A Teoria Corpomídia nos ensina que o corpo nunca está pronto e que o lugar onde você está, afeta as questões que ali estão envolvidas. Sabemos também que o conhecimento nasce no corpo e acontece no corpo trazendo uma singularidade, fazendo com que a subjetividade se constitua.

Por isso explica Helena Katz que Teoria Corpomídia de Katz & Greiner, "trabalha o corpo como um estado sempre em transformação, em codependência com os ambientes onde transita (KATZ, 2019, p. 29).

Portanto "não há possibilidade de uma narrativa fora da relação corpomente-ambiente." (GREINER, 2018, p.11)

Conclui-se, pois, que o corpo não é apenas um instrumento receptor ou armazenador de informação, mas é algo dinâmico:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois, toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. [...] A informação se transmite em processo de contaminação (GREINER, 2005, p. 131).

Justamente é essa contaminação em processo que é um dos fundamentos

da Teoria Corpomídia.

Há mais de duas décadas, as pesquisadoras Christine Greiner e Helena Katz vêm construindo a Teoria Corpomídia. Sua principal característica é conectar vários campos do saber para lidar com o corpo. Quando as autoras falam em Corpomídia, querem abordar um corpo que não pode ser aceito como um corpo processado. O corpo, mídia de si mesmo, transmite, traduz e muda a própria forma, evoluindo com o outro e com o ambiente no qual está inserido, aí convivendo em constante transformação.

Conforme essas autoras: “A Teoria Corpomídia conjuga diversos afluentes teóricos para explicar um corpo que nunca se apronta – e esse argumento evolucionista de não completude é o que distingue de tantas outras teorias que abordam nomeações diferentes” (GREINER, 2015, p. 10).

Dessa forma, no fim da apresentação, todas trouxeram um pouco de si e foram sendo aprontadas com os outros partícipes, nos ajudando a nos fazermos, “Me ajuda a fazer eu” é o tema e a dramaturgia de cada uma, tentando fazer-se.

Este corpo, somos nós mulheres: “ME AJUDA A FAZER EU”

Referências

- CIXOUS, Hélène. **A Hora de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Nós, 2022.
- FABIÃO, Eleonora. Corpo Cênico, Estado Cênico. In **Revista Contrapontos, Rio de Janeiro**, Vol. 10 – N.3, set-dez 2010.
- GREINER, Christine. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- GREINER, Christine. Em busca de uma epistemologia indisciplinar. In KATZ, Helena, GREINER, Christine (orgs.). **Arte & Cognição: Corpomídia, Comunicação, Política**. São Paulo, 2015, pag. 7 – 20.
- GREINER, Christine. Microativismo e Alteridade. In TEIXEIRA, Ana, SANTOS, Eleonora, HERCOLES, Rosa (orgs.). **ANDA: 10 anos de pesquisas em Dança**. Salvador, 2018, pag. 37 – 48
- GREINER, Christine. **Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- KATZ, Helena. Método e técnica: faces complementares do aprendizado em dança. In BEVILAQUA, Ana, SALDANHA, Suzana (orgs.). **Angel Vianna: Sistema, método ou técnica?** Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p. 26 - 32
- PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda, uma referência em educação**. São Paulo: Livre, 2013.